

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Director — ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Edição: João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelovidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Dr. António José de Almeida-NISA



Escultura em madeira pelo Doutor Adolfo Lamayer Bugalho

No dia 1.º de Dezembro de 1640, raiou, de novo, o sol da Independência. Evoquemos essa data magnífica, lembrando-nos que hoje, como então, os verdadeiros portugueses sempre hão-de defender Portugal.
Viva a Pátria!

A FORTALEZA DE NISA

É sabido que uma luta fratricida converteu em montões de escombros a minúscula povoação que, com o nome de Nisa, se aninhava na encosta e sobre do monte de Nossa Senhora da Graça. Mas a lealdade dos nisenses é que nem a ferro e fogo foi abalada. Fiéis ao seu rei, os nossos antepassados perderam tudo menos a honra. E essa mesma inteireza de carácter, esse mesmo sentir de patriotas os animou quando receberam das mãos do Rei-Lavrador a justa recompensa do seu nobilíssimo rasgo de abnegação e fidelidade.

Para a nova vila trouxeram todos os seus pergaminhos de honradez, e aqui, no conforto das novas moradias, continuaram a ser dignos da memória dos que para sempre ficaram sepultados nas ruínas dos seus lares arrasados e incendiados.

Em descuidosa tranquilidade, fruíam a suave alegria de agenciarem sua vida de agricultores em campos de mais úber fertilidade e não mais os preocupou o terror dos inimigos externos, confiados, como estavam, na inexpugnabilidade dos muros de defesa e na protecção dos freires de Cristo alojados no antigo Castelo de Ferron.

A solidez das fortificações parecia desafiar a investida dos séculos. Infelizmente não foi assim. O tempo e a incuria de sucessivas gerações foram deixando desmoronar, a pouco e pouco, o que D. Dinis fizera erguer com a *quantiosa soma de seis mil réis e mais um suplemento de dois mil réis, para continuarem as obras sem cessar...*

E, no entanto, a fortaleza de Nisa, pelo que dela podemos ainda hoje ajuizar consultando o admirável trabalho de Duarte de Armas, devia ter sido das de maior valor estratégico e, sem dúvida, uma das que, na

fronteira, mais concitariam a admiração e enlevo de quantos nela pusessem olhos de interessada e curiosa observação.

Já o perímetro quadrangular das muralhas não é muito vulgar; e essa disposição, com as altíssimas torres, devia contribuir bastante para dar maior relevo estético à obra monumental erguida por D. Dinis como galardão aos leais nisorros, homens duma só fé que deixaram arrasar os próprios lares só para não traiçoearem o seu rei.

Do antigo Castelo de Ferron ou dos Templários, junto do qual se levantou a vila dionisiana, nada resta hoje. Sabe-se contudo, por um manuscrito da Torre do Tombo sobre as Comendas de Cristo, citado pelo Dr. Laranjo Coelho no seu

Conclue na página 4

Eng. Alexandre Cordeiro

Em Lisboa, onde estava por motivo de doença de Sua Ex.^{ma} Esposa, encontra-se enfermo o Sr. Eng. Alexandre Durão Cordeiro, digno Director do nosso prezado colega «O Castelovidense». Muito sinceramente lhe desejamos rápidas melhoras.

Conselho Municipal

Reuniu-se no passado Domingo o Conselho Municipal de Nisa, para a eleição de vereadores. O resultado da votação foi a seguinte: José Diniz da Graça Vieira e António Luiz Marques, efectivos; José Joaquim Godinho de Moura e Álvaro Trindade Rasquilho, substitutos.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

Tribuna livre

ESTOICISMO

Oito e meia da manhã. Um dia brumoso e frio dos meados de Novembro. Aproxima-se da paragem do eléctrico um homem pobremente vestido, guiado pela mão — qual Edipo conduzido por Antígona — d'uma rapariguinha de 10 ou 12 anos.

Esta, visivelmente anemiada, traz na outra mão um violino.

— Então para onde vão?
— Para a Baixa, responde o cego.

— Tocar violino pelas ruas?
— Sim, senhor, ganhar a vida...

— Começam cedo!
— Nem por isso. Primeiro vou ver se me querem arranjar um dente; estou desesperado.

— Que idade tem?
— Trinta e quatro anos.
— Há quanto tempo perdeu a vista?

— Uma doença... quando tinha dezasseis anos.

— E a garota?
— É minha filha. E tenho lá outros... felizmente!

— A chegada do carro pô termo à conversa.

Durante o percurso as minhas reflexões são as seguintes: Que Civilização é a nossa, que se permite não dar asilo a tais desprotegidos da sorte?

Que caminhos temos percorrido, através dos milénios, das ideias e das religiões, para ainda hoje olharmos com indiferença que uns recebem tão duramente o peso da desdita, enquanto outros, criados em algodão em rama, cometem distúrbios pela vida fóra ou, pior do que isto, não fazem nada que valha — misantropos, egoístas e sovinas... eternos insatisfeitos! — porque tiveram a sorte de seus pais e avós ou

Conclue na pág. 4

Por Portugal

O orgulho da raça é condição necessária para a continuidade da Pátria.

Ao Ex.^{mo} Sr. Eng.º Perez Durão.

A Mocidade Portuguesa desfilava pelas ruas da cidade. São os Infantes, vanguardistas do seu material de campanha. Mais além só o ruído compassado da marcha da companhia de milícia, decadamente apetrechada e armada.

No peito do mais jovem dos Infantes e no do mais sóbrio dos velhos, pulsa um coração formidante da sua Pátria.

Tambores, som de cornetins, clarins ao alto, e os que os tocam impecáveis, orgulhosos da sua farda verde-castanha, e penetrados no fim da sua marcha: Velar, onde em tempos antigos, velaram portugueses como eles! A juventude de Portugal marcha para ocupar os castelos, onde os portugueses de antanho praticaram actos heróicos, proezas sem igual no mundo.

Durante a noite, pelas quedas da colina, ouvir-se-á do alto a voz vigorosa e juvenil dar: «Alerta!». Da outra torre, uma vigia responderá: «Alerta!». Ainda mais vibrante a todo o primeiro, soará novo grito a todos: «Por quem velais?». Então, vencendo todos os obstáculos que a natureza e os sentimentos, elevar-se-á da terra aos céus o brado or-

gulhoso dos portugueses de lei: «Por Portugal!».

É noite. No castelo de S. Jorge tremula a luz dos archotes, empunhados por sentinelas vigilantes.

A «chama da mocidade» ergue-se altaneira no terreiro da velha fortaleza. As bandeiras, divisam-se no negrume da noite, fortemente iluminadas pelo jorro esplêndido dos holofotes.

Aquela luz que brilha na escuridão profunda, transporta o meu pensamento às regiões ignotas e impolutas do passado. Eu vejo, elevar-se acima das torres ameaçadas do velho burgo, a figura fantasmagórica dum hércules envergando re-

Conclue na pág. 2

Gazetilha

O «Leônidas», o bardo, com o tal «Homem de Fóra», resolveram, por agora, não empregar mais o «cardo», que «pleca» e não cheira a nariz.

Terminou, pois a chalaça, para evitar a «desgraça» de alguma séria «função». «As coisas são como são»: O que querem que lhes faça?

SUMATRA DE LEMOS

ANTOLOGIA Por Portugal

Amar em Silêncio

por FILINTO ELYSIO

Uns olhos lindos, vivos, bem rasgados,
um garbo senhoril, nevada alvura;
metal de voz que enleva de doçura,
dentes de aljófar, em rubi cravados;

Fios de ouro, que enredam meus cuidados,
alvo peito que cega de candura;
mil prendas e — o que é mais formosura —
uma graça que rouba mil agrados;

Mil extremos de preço mais subido
encerra a linda Márcia, a quem ofereço
um culto, que nem dela inda é sabido;

Tão pouco de mim julgo que a mereço,
que enoja-la não quero, de atrevido,
co' as penas, que por ela em vão padeço.

De visita

Tivemos o prazer de cumprimentar há poucos dias, em Nisa, o conceituado viajante da importante e acreditada fábrica de Licóres «Victória», o nosso amigo Sr. Delgado que veio até nós de visita aos seus numerosos fregueses desta Vila.

Muito folgámos com o encontro e sinceramente desejamos que não tarde a reaparecer, pois, de facto os licóres «Victória» são verdadeiras delícias.

Rectificações

O artigo publicado num número anterior deste jornal sob a epigrafe *Vultos Nisenses*, contém as seguintes gralhas:

Por conquista em vez de por direito de conquista; — deu-se ensejo por deu-lhe ensejo; — catedral elvensê; — se dirigiu comovido, em vez de se dirigiu, comovido; — Com obras em vez de Como obras; — instalações de piedade em vez de instituições de piedade; — informados de espirito em vez de informadas do espirito; — freguesia no Santo André, da Estremoz, em vez de freguesia do Santo André, de Estremoz; — está a obtenção em vez de está a obtenção; — e dias depois, em vez de e, dias depois; — Também na «Apostila» vem, na 11.ª linha, 1837 por 1837.

Uma carta

Do Sr. Mário de Moura Portugal, nosso presado assinante de Vila Nova de Barquinha, recebemos uma carta amabilíssima, em que nos agradece as referências justas, que fizemos a seu saudável tio António Portugal de Moura.

Contudo, nada nos deve o Sr. Mário de Portugal, porque a Justiça manda usar da íntegra justiça.

AVISO

Para os devidos efeitos, se faz público que, nos termos do decreto-lei n.º 26.600, de 16 de Maio de 1936, deverá realizar-se no primeiro domingo do próximo mês de Dezembro a eleição dos representantes dos caçadores na Comissão Venatória deste concelho, cujo mandato de três anos tem início no dia 1 de Janeiro de 1946.

Se por falta de número legal de eleitores não se puder realizar a eleição fica esta convocada para o Domingo imediato, no mesmo local e hora.

Nisa, 13 de Novembro de 1945

O Presidente da Câmara Municipal

VENDE-SE

Um plano, armado em ferro, Cordas cruzadas.
Rua da Fonte da Cruz, 97 — NISA.

fulgente armadura, e empunhando o pesado montante de dois gumes. Traça no ar, num impulso que não admite replica, o destino dum povo eleito por Deus, a vida até à eternidade duma heróica nação. É D. Afonso Henriques, o primeiro entre os primeiros portugueses.

Agora, perpassa fugitiva uma imagem que me faz pulsar de orgulho o coração: Relembro o sacrificio de Martim Moniz. Vejo-o atravessando o seu corpo na porta do castelo, permitindo assim às aguerridas hostes do seu rei e senhor franquear e vencer a resistência oposta pelos infiéis. Ele, como tantos outros portugueses, combate e morre por um ideal que coloca acima de todos: O ideal da Pátria.

Heróis, mártires, guerreiros, todos a minha memória vai arrancar à neblina do passado, para os colocar no fulgor do presente. Nenhum falta à chamada. Sinto que à minha volta, apertando-me num círculo imponderável, estão as almas de todos esses valentes, que desceram dos céus à Terra, para agradecer a velada de armas da juventude de hoje, preito de menagem pelos seus maiores.

Avistó navegando lentamente na fita prateada do Tejo, uma esquadra que resplandesce aos raios platinados da lua. São muitas naus, velas enfiadas pelo vento. Numa das voltas do rio desaparecem.

Ouvem-se cânticos religiosos. Um mar de gente rodeia a vetusta fortaleza à beira-rio. É a Torre de Belém.

Só no silêncio da noite um grito de alerta. Também ali, a mocidade de Portugal está vigilante. Bradou às armas. Sauda aquela fantástica armada, que em tempos idos saiu a caminho de ignotas paragens, em busca de novas Terras, procurando dar ao mundo novos mundos.

Na nau capitaina ergue-se a altaneira figura de Vasco da Gama.

Face rígida, olhos brilhantes de comoção, éle parte saudável da Pátria querida. Comanda um punhado de valentes, «para

realizar por Portugal «novos feitos nunca feitos».

No Palácio, onde em 1640 se reuniram os Impertérritos conjurados, para se lançarem na patriótica e ousada empreza da Independência, depois de sessenta anos de escravidão sob o jugo estrangeiro, são os passos cadenciados das sentinelas da Mocidade Portuguesa.

Também ali, em intimo contacto com aquelas antiquíssimas paredes que ouviram e conservaram imórredouramente, para legar às gerações de hoje, o imoto amor-pátrio daquele pequeno grupo de valentes, que numa nobre tentativa, que se perpetuou até à eternidade, tentaram redimir, pela sua tenacidade e coragem, as traições de alguns miseros portugueses; também ali a Mocidade está vigilante. Sim, também aquele palácio, representante dum feito heróico, merece a velada de armas da juventude de hoje, como tributo de veneração por aqueles bons heróis que prontos estavam a dar o seu generoso sangue, a sua vida pela vida do seu querido Portugal.

Eram assim os portugueses de ontem. São assim os portugueses de hoje.

«Por quem velais?»

A resposta soará única, num arranque de patriótico orgulho, no brado unissonante de todos os portugueses:

«POR PORTUGAL!»

Nogueira Correia

Língua Pátria

SEMATOLOGIA

Pelo Dr. Carvalho Costa

— *Bôho* — A palavra na sua origem, não quer dizer senão *gago tartemudo*. Hoje chamamos tal nome ao individuo que nos diverte com os seus ditos chocatórios, e já assim se lhe chamavam nos tempos em que, nos paços régios, éle exercia semelhante função. (Vid. José Joaquim Nunes, *Digressões Lexicológicas*,

metade da colina e o sol ocultara-se de todo; a dois passos de mim num recinto plano e varrido das agulhas desenhava-se a cabana do «feiticeiro»: era baixa acanhada, de palha de ramos de pinho; seis paus que do solo vinham a unir-se pelas extremidades em forma de cone, bem espécados e sólidos, mantinham as partes restantes; uma segunda camada de colmo reforçava o teto tornando-o impermeável; a entrada com a porta meio aberta era rectangular e pouco larga. Sentado numa pedra cá fora encontrava-se éle, cachimbo entre os lábios, pensativo e atento, de cotovelos fincados sobre as pernas, a cabeça inclinada para as mãos, numa atitude de resignação

admirável ia despedindo fumaginas que se enrolavam caprichosas em espirais atrevidas por entre os ramos dos pinheiros; ora apanhando do chão pedacitos de quartzo com os quais se entretinha rólhando-os entre os dedos. Farta cabeleira quasi branca já lhe passara há muito os limites das orelhas e ia-se perder por entre a barba grisalha que pendia sobre o peito em harmoniosa uniformidade, emprestando-lhe certo ar de imponência magestosa: parecia um desses deuses antigos em repouso no Olimpo sagrado a pesar da pobreza do seu fato, de burel castanho que não obstante estava em perfeito alinho e asseio. Era excêntrico aquele homem que passada

Grémio da Lavoura de

NITRATO DO CHILE — te em armazém, para em imediata, podendo, por associados requisitar as tidades de que carecem.

BONUS DE SEMENHA — Encontram-se, desde já, pagamento destes bonus de cada quilograma de trigo manifestado para semente colheita de 1944.

COTAS — Encontram-se cobrança as cotas dos produtores e para boa organização escrita deste organismo, mos o favor de mandarem a tuar o pagamento de até ao fim do corrente.

CONSELHO GERAL — niu, no dia 25 do mês, como estava anunciado, selho Geral deste Grémio, sido aprovados o 1.º ordinário do próximo tendo sido eleita a mesa para funcionar no próximo ano.

Foram eleitos os Excmos Anibal Diniz da Vieira, presidente, Dr. Carita Remexido, vice-presidente e Dr. João Augusto e José Joaquim Godinho, secretários.

ENTRADAS DE CEREJAIS — Continua o recebimento de celeiros da F. N. P. T., e centeios da última colheita.

Os recebimentos de serão iniciados logo que tenham ultimado as saídas do milho da colheita anterior que está armazenado em ditos celeiros.

pág. 112, e o 2.º de *minhas Reflexões Etimológicas*, pág. 48-49).

— *Cabo* — Designa-tivamente, de harcom o seu valor etimológico, uma alta posição, mas hoje é das mãos (Cfr. Rodrigo Nogueira, *Questões Etimológicas*, pág. 55).

— *Caldo* — Do latim *calidus*, ordinariamente diz-se *quente*, *ardente*, *calor*, — pelos fora, foi perdendo o *quente* e hoje dizemos *quente* e *frio*.

Anunciem no «CORREIO DE NISA»

O FEITICEIRO

Conto inédito

por JOÃO TAVARES MACHADO GRÁCIO

De quando em quando do alto das árvores despidia-se uma pinha que atravessava a custo todo aquêl emaranhado de ramos e ia bater de encontro ao solo, rebolando por aí abaixo até que algum obstáculo a detivesse em sua desenfreada carreira; outras vezes sentia o estrebuchar e bater de azas muito próximo de um «Eitebo» surpreendido assim na sua pacífica morada ou o impertinente

fiêmito dos moreços a esvoçar vem por entre os troncos em reviravoltas de exímios acrobatas; e sobre tudo pairava a música dolente do adormecer... o ruído confuso das coisas... o ríciar do arvoredo de mistura com o aroma acre dos pinheiros... a enebriarem-nos os sentidos... a cantarem-nos o seu mutismo vivificador...!

Entretanto já tinha galgado

(Cont.)

Anúncios—1800 cada linha, segundo o linômetro de corpo B. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—\$50. Número atrazado: 1800. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26\$00
continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portes. Não se restituem gins quer sejam ou não blicados. — Toda a colaboração para o jornal é solici-

Do «Diário do Governo»

O «Diário do Governo», N.º 274, de 23 do corrente, publica a portaria, pela qual passa à inactividade o Ex.º Sr. Professor José Francisco de Figueiredo, nosso muito estimado e prestante colaborador.

Na vaga respectiva da Escola-Oficial de Nisa, foi colocada provisoriamente a Sra. Professora D. Maria de Lourdes Correia Ramos.

«E tudo o vento levou»

Na Vila do Crato, projectou-se recentemente esta fita, produção célebre do cinema («Gone with the Wind»).

Muito gostaríamos que chegassem a Nisa, pelo menos de vez em quando, trabalhos da mesma categoria, fossem da «Metro Goldwyn Mayer», fossem de quem fossem.

A Fortaleza de Nisa

(Conclusão)

estudo sobre as Ordens de Cavalaria no Alto-Alentejo, que tinha interiormente magníficas instalações:—ampla sala térrea e câmaras sobradadas destinadas aos aposentos do alcaide e comendador, muitos quartos e celas destinados aos cavaleiros da Ordem donatária, varandas, alpendres, diversos compartimentos térreos, cozinha, três estrebarias, amplo terreiro e pátio com um poço profundo. Este poço foi localizado e desobstruído, quando o Sr. Dr. José Miguéns mandou construir a sua elegante vivenda no local do antigo castelo.

Nos últimos anos do século XIX estavam ainda de pé a maior parte das paredes, algumas delas assentes sobre resistentes e espaçosos arcos de granito; e da torre a nordeste ainda logrei ver alguns metros das suas quatro faces.

As outras, uma das quais, a de menagem, tinha dezassete varas de altura e onde havia a célebre porta da traição, foram totalmente arrasadas, quando em 1704, pela Guerra da Sucessão, os espanhóis no caminho para Portalegre, aqui acamparam e permaneceram alguns dias.

Foi, como se disse, sob a égide do Castelo e Preceptoria dos Templários que D. Dinis fez erguer a nova vila, cercandó-a de fortes muralhas de quarenta palmos de altura e oito de espessura e com todos os elementos de defesa característicos das fortificações da Idade-Média.

Além das quatro torres do Castelo, levantavam-se, no recinto muralhado, mais sete, umas seccionando-o em quadrelas, outras atalafando as portas, que eram três: a da Vila, a de Montalvão e a de João de Évora. Havia ainda três pos-

Mocidade:

«Na sua marcha veloz, o tempo renova as gerações constantemente... mas esta renovação só será próspera se os elementos novos que a Nação recebe, contribuirão para a sua grandeza e para a sua força». Il al-gures.

Da renovação já, melhor do que eu o posso fazer, vos foi dito. Os deveres que tendes a cumprir são do vosso inteiro conhecimento, e, estou certo disso, fareis por cumpri-los como bons portugueses e como rapazes que desejam mostrar nossa conduta irrepreensível que, não por orgulho, seja, para os estranhos à Mocidade, um

exemplo a seguir.

Renovação não significa apenas tornar-novo, mas também repetir.

Não é possível ainda hoje dar a um ancião o vigor físico e vivacidade que são próprios dos vossos verdes anos. Porém é bastante fácil renovar-lhe o espírito com idéias novas se ele tiver vivido afastado da boa moral. Não quero dizer que as nossas palavras possam influir nele como conselho, pois que o bom conselho vem de um velho, mas com a demonstração respeitosa de que o Mundo evoluciona para melhor e de que do passado, aproveitaremos o que é bom, manifestando o nosso respeito à nossa gratidão por aquilo que lhes devemos.

O fim da «Mocidade Portuguesa» é renovar o Espírito e a Moral da Juventude, para o bem da Pátria, da Família e da Sociedade.

Julgo não ser desacerto confundir um pouco os dois significados e procurar na História de Portugal um cantinho onde possa exaltar a Mocidade de outras eras.

Mocidade:

Todos vós gostais de ler romances. Aquêles que mais vos

Tribuna Livre

(conclusão)

arqu-trisavós terem nascido primeiro do que eles, ou porque casaram com mulher rica?

Mas... pergunto a mim mesmo, não serão compensação, alento e orgulho suficiente, poder um desgraçado sentir-se feliz numa mansarda cheia de filhos?

Que abismo insondável, aquilo a que se chama a alma deste desconhecido que é o homem!

X

vel do Castelo de Ferron, em que o fundador de Nisa porventura se acolheria nas suas bélicas digressões pelo Alentejo e onde talvez ficasse um pouco do celestial perfume da caridade da Rainha Santa; já que o conjunto das fortificações da minha terra, por vandalismo irreparáveis, jamais poderá ser restituído à sua pristina beleza e estrutura, que ao menos as torres e adarves sejam coroadas de ameias onde for possível dar-lhes esse característico remate e que os técnicos procurem salvar quanto possam dos restos da nossa linda e inexpugnável fortaleza medieval, que, em plena integridade, não teria rival entre tôdas as da fronteira e seria émula condigna do relicário monumental de Óbidos.

J. FIGUEIREDO

“RENOVAR E REPETIR”

o tema da alocução feita ao núcleo da M. P. do Colégio Condestável, pelo Prof. António Pires.

entusiasmam são os que vos apresentam cenas de amor... muitas cenas de amor. Se notardes bem, aquilo que impressiona o vosso EU é pura invenção destituída de qualquer fundamento moral que possa fazer de vós homens capazes de bem servir a vossa família e a vossa Pátria, que é nossa também.

E, já que falei de amor, permitam-me que renove e repita o que tendes lido.

A Guerra da Independência foi suportada por dois novos: Mestre de Aviz e Nuno Álvares.

Não deixou a Mocidade de então de lançar sobre si uma parcela da glória e do sofrimento heróico.

Com juramento solene constituíram a Ala dos Namorados. As noivas de tão briosos cavaleiros, a que eu ousou chamar Mocidade Feminina do século XIV (isto é para as meninas), bordaram aquêles pendão verde que afrontou o leão de Castela e ofereceram os amuletos pelos quais os moços se lançaram na peleja, com desprezo pela vida e por tudo o que a Terra lhes dava, mas com o pensamento em dois amores: o da Pátria e o da noiva.

Muitos pereceram na luta. No entanto, a sua memória deve ser honrada por vós, como vossos camaradas de uma época longínqua.

Esta ligeira divagação histórica, não quero dizer que penseis em mostrar o valor no campo de batalha. Não. Os tempos são outros e a Pátria precisa de vós e de... nós, para construir um Portugal grande pela inteligência, pela moral, pela disciplina.

Creio ter renovado no vosso espírito o pensamento sublime que criou a «Mocidade Portuguesa» e repetido o que de algo há na heróica História de Portugal.

Avanté, pois, na conquista do bem da Pátria e da honra da «Mocidade Portuguesa»!

FALECIMENTO

Na sua residência da Rua do Salitre, N.º 30—3.º, em Lisboa, faleceu no dia 26 do Corrente a Ex.ª Sra. Dona Palmira Fialho Ferro Lopes Tavares Lóbo da Silveira, esposa do Sr. D. António Lóbo da Silveira (Alvito), a quem, por tal motivo, apresentamos as nossas sinceras condolências.

MISSA

No dia 22 do corrente, foi mandada dizer uma missa, na Igreja da Misericórdia, e por iniciativa da respectiva Irmandade, sufragando a alma de D. Maria Adriana Pestana Rosa. O piedoso acto foi bastante concorrido.

Fernandes de Mo

Faleceu em Monforte, 21 de Novembro o Sr. Fernandes Pereira de Moura, tante lavrador, casado com Ex.ª Sra. D. Berta Paes da Moura, filha de Moura, do que era filho do abalavrador Sr. José Maria de Moura deixou quatro menores.

No funeral, a que compareceram inúmeras pessoas do distrito, dadas as suas qualidades morais do incorporaram-se, representantes da Legião Portuguesa, harmónicas e crianças colas. O Sr. Dr. Afonso de Sa, Governador Civil de legre acompanhou tam funeral.

A toda a Família apresenta o «Correio de Nisa» sentidas condolências, paralisando os Ex.ªs Sras. Machado Felicissimo e Jorge Luiz Caldeira Miguel respectivamente tio e pr falecido.

Princípio de inc

No dia 22, manifestou princípio de incêndio, na Estrada de Alentejo, na Estrada de Alentejo. Compareceram presentes os Bombeiros, sob a direção do Comandante, Sr. Goulão. O sinistro foi minado.

Edita

Francisco Mourato, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Nisa.

Faz publico, que de acordo com a deliberação da reunião do dia 8 de Novembro de 1945, devem todos os proprietários de veículos «isentos» possuírem o livrete e que se refere o Decreto n.º 10.000, de 1945, e a apresentação do livrete, no prazo de 15 dias, após a publicação do edital, na Secretaria Municipal, a fim de se lhe fazer anotação.

Mais torna publico a toriedade do registo dos respectivos proprietários dos veículos «isentos» da não tenham cumprido as determinações do decreto n.º 33.565.

E para constar se te e outros de igual vão ser largamente nos lugares mais pub costume.

Nisa e Secretaria Municipal aos vint e seis de Novembro de 1945.

O Presidente da Câmara Municipal Francisco Mourato

VENDE-SE — Tour — puro. Dirijtem-se ao telo de Vide — NISA

PARA ASSINAR É BASTA REMETER UM VALE DE CINTE E SEIS ESC